

Fernando Molica

As complicadas comemorações público-privadas

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, e o senador Ciro Nogueira (PP-PI) renovaram, nos últimos dias, a interminável coleção de indesejáveis relações público-privadas que envolvem autoridades brasileiras e representantes do empresariado: pouco antes de tomar posse em seu terceiro mandato, o presidente Lula (PT) pegou carona no jatinho do empresário José Seripieri Filho, o Júnior da Qualicorp, para ir ao Egito e Portugal.

Não contente em comparecer a um jantar — beneficente, que seja — na casa de Diego Barreto, CEO do iFood, o ministro ainda foi gravado, na festa, entoando “Garota de Ipanema” com o anfitrião e a cantora Paula Lima.

Já o senador, segundo a revista Piauí e o jornal Folha de S.Paulo, viajou no jato do empresário Fernando Oliveira Lima, o como Fernandin OIG, dono de empresas de apostas online. O passeio foi para que ele e o dono do avião acompanhassem de perto o Grande Prêmio de Mônaco.

O iFood é um dos maiores interessados em ação no STF

movida pela Uber e que trata de eventuais vínculos empregatícios de trabalhadores de aplicativos. A empresa dirigida por Barreto consta no processo como “amicus curiae”, amigo da corte, pediu para ser parte do processo.

A ação é um recurso contra uma decisão do Tribunal Superior do Trabalho que reconheceu o vínculo entre um motorista e a Uber. O julgamento pelo STF terá repercussão geral, ou seja, valerá para todos os casos semelhantes.

Fernandin, dono de casa de apostas virtuais, é um dos que exploram o Jogo do Tigrinho no país, e já depôs na Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado que trata das bets. Nogueira estava presente à sessão e até se dispôs a encontrar o empresário caso a CPI tivesse, mais uma vez, dificuldade de intimá-lo.

Fernandin é conhecido por ter asas generosas, seu tigrinho que abocanha economias de tantos brasileiros é gentil com os amigos. Em setembro do ano passado, foi a vez do ministro Nunes Marques, também do STF, pegar uma carona em seu jatinho para ir a uma fes-

ta do cantor Gustavo Lima.

Seria leviano dizer que a presença de Barroso no jantar e a carona descolada por Nogueira terão consequências no trabalho deles. Mas esse tipo situação deveria ser evitada — autoridades não devem ter contato privilegiado com setores da sociedade que têm interesses diretos em suas atividades, e nem podem dever favores a ninguém.

Ontem, Barroso procurou justificar seu gesto e, ao mesmo tempo, ironizar seus críticos. afirmou que o jantar foi organizado com o objetivo de conseguir de empresários recursos para financiar bolsas de estudos oferecidas pelo Conselho Nacional de Justiça para negros e indígenas que se preparam para o exercício da magistratura.

A causa é nobre, sem dúvida. Mas representa também uma grande chance para empresários se aproximarem do STF, de magistrados em geral e, até, de futuros juízes. A presença de Barroso no evento foi uma espécie de contrapartida à iniciativa empresarial — como costuma acontecer, o jantar não foi de graça.

Não é qualquer litigante que

tem o privilégio de receber em casa o presidente da corte que decidirá algo tão relevante, capaz de determinar o futuro de uma atividade tão importante como a de motoristas e motociclistas que trabalham para aplicativos sem qualquer tipo de direito ou garantia.

Barroso certamente foi até lá movido pela melhor das intenções, mas é improvável que o CEO da iFood tenha promovido o evento de maneira generosa e desinteressada.

Pelo que se vê, as colaborações empresariais ao tal programa não são anônimas, os patrocínios ficam explícitos. Do jeito que foi criado, o apoio à iniciativa indica que tal mecenato é, principalmente, uma tentativa de empresas em cavarem um papel deturpado de amigos da corte.

No outro polo da ação no STF estão, entre outras entidades, a Central Única dos Trabalhadores, a Força Sindical e sindicatos de motoristas e motociclistas de aplicativos. Esse pessoal que, parafraseando Gianfrancesco Guarnieri, não usa black-tie, nem canta “Garota de Ipanema” em jantar beneficente.

Alexandre Nogueira*

Os 120 anos da Light

Mais do que uma empresa de energia, a Light é parte viva do pioneirismo, da modernidade e da resiliência deste Estado do Rio de Janeiro, com contribuições diretas e inegáveis também ao desenvolvimento de todo o Setor Elétrico brasileiro.

Desde 1905, quando acendemos a primeira luz para iluminar lares cariocas e fluminenses, e impulsionar comércio e indústrias em 31 municípios, a Light tem sido o coração do desenvolvimento do Rio. Temos a inovação no DNA e estivemos presentes em cada capítulo da transformação deste Estado – privilegiado pela natureza, mas feito pela força e pela determinação do seu povo.

Ao longo das décadas, eletrificamos bondes, iluminamos ruas, praças e monumentos históricos, como o Cristo Redentor, e construímos usinas hidrelétricas, produzindo energia limpa e renovável – sempre guiados pela responsabilidade com as pessoas e o meio ambiente.

Hoje, esse compromisso se mantém mais forte do que nunca. Gerasmos 11 mil empregos diretos e indiretos, movimentamos a economia e, acima de tudo, entregamos um serviço essencial com excelência, segurança e dedicação aos nossos clientes. Nossos investimentos em tecnologia e eficiência operacional garantem energia confiável para 11,6 milhões de pessoas, da capital ao interior.

Mas a Light não para na energia. Acreditamos profundamente no poder da transformação social e cultural. Projetos como a Orquestra Light da Rocinha, a Escola Light de formação profissional e o Programa Educativo Cultural são a prova viva do nosso investimento nas pessoas e no futuro do Rio, e por extensão, do Brasil.

No campo ambiental, prote-

gemos uma das maiores reservas de Mata Atlântica do Brasil e, por meio de programas de recuperação de áreas degradadas, deixamos um legado fundamental para as próximas gerações. Já plantamos milhões de mudas nativas e ajudamos a proteger espécies animais ameaçadas, como a onça-parda e a arara-azul.

Além disso, garantimos 95% da água consumida na região metropolitana do Rio, graças aos reservatórios de água cristalina do Complexo de Lajes – nosso principal sistema de geração de energia.

Todos estes avanços são possíveis graças à confiança e ao apoio inestimável dos nossos acionistas – visionários que acreditam no potencial da Light e no futuro do Rio de Janeiro e do Setor Elétrico. A vocês, nosso profundo reconhecimento. E à nossa atual gestão, formada por

líderes e colaboradores comprometidos e competentes, cabe o desafio e a paixão de levar adiante essa missão, com coragem e responsabilidade.

O Rio de Janeiro que ajudamos a construir no passado nos enche de orgulho. E o Rio que estamos construindo juntos para o futuro é o que nos inspira todos os dias. Estamos prontos para fazer deste Estado um polo de excelência tecnológica, com a força e a energia que estes novos tempos demandam.

Investir na Light é investir no Rio. É acreditar na capacidade deste Estado de se reinventar, de prosperar e de brilhar ainda mais. E podem ter certeza: a Light seguirá firme, iluminando com determinação o futuro do Rio de Janeiro e contribuindo para o desenvolvimento do nosso país.

*CEO da Light

Helio Costa*

A Light é a luz e a força do Rio

Imaginem o nosso país há 120 anos, no começo do século passado, tendo como produto exportável para divisas apenas o café. Imaginem o Brasil sem eletricidade, sem estradas adequadas. Um gigante adormecido e esperando um grito de progresso e modernidade. Pois foi isto que aconteceu quando empreendedores canadenses, com a engenharia americana, chegaram ao Brasil para criar uma grande usina hidrelétrica. Em 1905, surge a Light.

O Brasil precisava da energia para empreender a sua marcha para o desenvolvimento e encontrar o caminho das nações desen-

volidas. A Light fez uma revolução no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Brasil.

Nos seus primeiros anos já era a maior empregadora do país com mais de 50 mil colaboradores, homens e mulheres. Entre eles, um brasileiro que elevou o nome do Brasil no exterior e passou por esta casa e pelo Senado da República. O mestre da língua brasileira, das ciências jurídicas e das letras, Rui Barbosa.

Depois de viver momentos difíceis entre a privatização e o retorno ao Estado e a volta à privatização, a Light se recupera com o trabalho de seus investi-

dores relevantes que puseram bilhões de reais na companhia para transformá-la, novamente, na referência do Setor Energético. Nelson Tanure, também membro do Conselho de Administração, e Ronaldo Cesar Coelho, constituinte e deputado federal, aqui presentes, e Beto Sucupira. E milhares de investidores, debenturistas e acionistas.

A Light é hoje a empresa que tem energia limpa, verde, e condições de atender às demandas da Inteligência Artificial de que precisamos para competir no mundo moderno. É a energia que torna possível todos os outros setores

essenciais, fundamentais para a sociedade moderna. Sem energia não temos indústria de base; sem energia não temos mobilidade; sem energia não temos comunicação. não temos telefone ou celular; não temos tv, não temos radio, não temos Internet; sem energia não temos agricultura moderna. Sem agricultura não temos vida.

A Light é tudo isto. A Light é a Luz e a Força da nossa Cidade Maravilhosa.

*Ex-ministro das Comunicações e presidente do Conselho de Administração da Light

EDITORIAL

Reflexos de uma infraestrutura à deriva

Nos últimos dois anos, São Paulo tem enfrentado uma sucessão de eventos climáticos extremos que expõem a fragilidade de sua infraestrutura urbana diante das forças da natureza. Temporais, alagamentos, quedas de árvores e apagões se tornaram recorrentes, afetando milhões de moradores da capital e da região metropolitana.

Nesta quarta-feira, 28 de maio de 2025, rajadas de vento de até 60 km/h derrubaram ao menos 52 árvores em diversos pontos da cidade, deixando 117 mil imóveis sem energia elétrica e ferindo duas pessoas no Tatuapé, zona leste da capital. O episódio se soma a uma série de eventos semelhantes: em dezembro de 2024, um temporal deixou 666 mil clientes sem luz; em novembro de 2023, cerca de 4,2 milhões de pessoas ficaram no escuro por dias após uma tempestade com ventos recordes.

Diante dessa realidade, surge a reflexão: é possível prevenir tais desastres naturais ou estamos à mercê de eventos imprevisíveis? Embora seja impossível controlar o clima, é viável mitigar seus impactos por meio de planejamento urbano adequado, manutenção preventiva e investimentos em infraestrutura resiliente.

A recorrência de apagões e quedas de árvores sugere a necessidade de políticas públicas mais eficazes. Cidades como

Nova York e Londres optaram por enterrar suas redes elétricas, reduzindo significativamente os riscos de interrupções no fornecimento de energia durante tempestades. No Brasil, iniciativas semelhantes são raras e, quando existentes, avançam lentamente.

A responsabilidade por essas ações não recai apenas sobre os governos municipais ou estaduais, mas também sobre as concessionárias de serviços públicos e a sociedade como um todo. É fundamental que haja uma colaboração entre os diversos setores para desenvolver estratégias de prevenção e resposta a desastres naturais.

Se a cidade mais rica e populosa do país enfrenta dificuldades em lidar com eventos climáticos extremos, o que esperar de outras regiões com menos recursos? Essa realidade evidencia a urgência de repensarmos nossas políticas urbanas e de infraestrutura, priorizando a resiliência e a sustentabilidade.

Não podemos mais tratar os desastres naturais como eventos isolados ou imprevisíveis. Eles são sintomas de um sistema urbano vulnerável que requer atenção imediata. É hora de agir com responsabilidade e visão de futuro, implementando medidas que garantam a segurança e o bem-estar da população diante das mudanças climáticas em curso.

Frio a chegar

O mês de maio de 2025 trouxe ao Distrito Federal uma frente fria atípica, que não apenas alterou o clima da região, mas também evidenciou desafios sociais e ambientais que merecem atenção. Este editorial busca analisar os efeitos dessa frente fria, suas causas, consequências e as respostas da sociedade e do poder público.

Em maio de 2025, o Distrito Federal experimentou uma frente fria mais intensa do que o habitual para o período. A queda abrupta de temperatura e o aumento da umidade relativa do ar elevaram os riscos de doenças respiratórias. Especialistas alertaram para o aumento de casos de gripes, resfriados, bronquites e até pneumonia, especialmente entre populações mais vulneráveis.

Além disso, a frente fria também afetou a qualidade do ar, com a diminuição da dispersão de poluentes devido à estabi-

lidade atmosférica, agravando problemas respiratórios em áreas urbanas densamente povoadas.

A população em situação de rua foi uma das mais afetadas pela frente fria. Sem acesso a abrigos adequados, muitas pessoas enfrentaram condições extremas de frio, aumentando o risco de hipotermia e outras complicações de saúde. Organizações não governamentais e grupos de voluntários intensificaram ações de distribuição de cobertores, alimentos e agasalhos, mas a demanda superou a oferta, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais eficazes de acolhimento e suporte.

Somente por meio de ações coordenadas e sustentáveis será possível enfrentar os desafios impostos por fenômenos climáticos como a frente fria de maio de 2025, garantindo qualidade de vida e dignidade para todos os cidadãos do Distrito Federal.


Opinião do leitor

Solidariedade

Temperaturas despencam. Estamos sofrendo com essa semana gelada em vários Estados do Brasil com essa onda de frio. Se estamos sentindo frio mesmo agasalhados e dentro de casa, imagine os moradores de rua. Está na hora de nós pensarmos neles. A hora de ajudar é agora.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ZEPPELIN PASSA A LARGO DO RIO E NA MADRUGADA

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin passa de madrugada ao lago do Rio de Janeiro, mais próximo da costa, deixando muitos cidadãos tristes, pois queriam ver o dirigível, que vai primeiro para Santos e São Paulo antes de desembarcar no Rio. Demora no embalsamento faz com que o corpo de Siqueira Campos ainda continue no Uruguai.

HÁ 75 ANOS: PSD PODE TER RACHA NA CAMPANHA ELEITORAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de maio de 1950 foram: UDN e estudantes se fortalecem com a candidatura de

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.